Um quadro sociológico da freguesia de Vila Caiz entre 1901 e 1926

Eliseu Pinto

O Padre Álvaro da Silva Barbosa, nascido em Santiago de Figueiró em 3 de Setembro de 1886, paroquiou Vila Caiz de 1894 até à sua morte, ocorrida em 26 de Abril de 1927. No dizer de Fernando Ferreira Sousa Cardoso, foi

«um homem de largas vistas e decidida iniciativa; bom conselheiro, esclarecido confessor; perspicaz interprete jurídico; de palavra sensata, prudente e conciliadora. Foi verdadeiramente dedicado ao seu múnus pastoral, um verdadeiro apóstolo, até ao seu último alento».

Foram 31 anos de intenso labor pastoral na «Vinha do Senhor». Mas não descurou as coisas mundanas: as obras na própria Igreja e na Residência, de que foi reformador e benfeitor, suscitando generosos apoios e contributos dos fregueses, mas também as do Governo da Freguesia. Com efeito, por imposição legal, foi Presidente da Junta da Paróquia de 1898 a 1910, cabendo-lhe, por isso, dar cumprimento a uma série de realizações na freguesia. A instalação da escola pública foi uma delas: a masculina no lugar da Igreja, a feminina em Coura; o respectivo recenseamento das crianças em idade escolar; mas também os cemitérios: o de Vila Caiz e o de Pacinhos.

Os diversos livros de registos existentes no Arquivo Paroquial evidenciam o seu espírito metódico e tranquilo.
Um desses livros intitula-se «*Assento de Enterramentos no Cemitério Parochial de Vila Chaiz*» e reporta-se ao período decorrido entre 1901 (data da inauguração do cemitério) e 1927. Apenas o ano de 1927 não é da lavra do Padre Álvaro.
Até então (1901), todos os enterramentos, durante séculos e séculos foram feitos no interior da Igreja Matriz e no seu adro e, apenas nos dez anos finais do século XIX, por imposições legais que vinham já de 1835 e 1844, passaram a ser feitos temporária e exclusivamente no adro.
O enterramento na Igreja e Adro encontra-se nesse preciosíssimo monumento que são os registos de óbito da paróquia de Vila Caiz iniciados em 1601, posto que a localização se prestasse a dúvidas: «*Junto à porta travessa»*, na «*Capela-Mayor*»; «*junto à pia de água benta*; «*junto ao*

Caixam de Nosso Senhor (leia-se altar); « *no Jazigo junto à Senhora do Rosário»,* onde jaz desde 1698 o capitão Francisco Peixoto de Sousa, do lugar de Vilarinho, o que mostra , também, a antiguidade do culto da Senhora do Rosário; «*na segunda faixa acima das escadas do coro e segunda a contar da parede nascente*»; «*ao pé da fiada do meio*»; « *no adro por trás da Capela-Mor»*; «*no adro principal da parte de baixo*», indicação que suscita a existência de duas plataformas no adro; *«à porta principal para o lado de nascente (1698)»,* o que parece indiciar uma primitiva igreja com orientação diversa da actual.
Claro que o enterro era também possível nas capelas particulares, como foi o caso da Capela da Pena, da Invocação da Mãe de Deus. Ali foram enterrados Luís da Silveira, em Dezembro de 1673, do lado do Evangelho e antes dele sua mulher, «Senhora das terras de Vila Caiz», D. Maria Teixeira de Castello Branco, em 19 de Abril de 1671.
Tal livro contem informações preciosíssimas para a História local. Com efeito, nele se registam -a identificação do falecido, com menção do respetivo nome e filiação.
-a profissão.
-a naturalidade.
-a residência.
-idade à data da morte.
-a data do óbito e a do enterro.
-a causa da morte.
-o local do enterramento no cemitério «parochial».

<u>Número de enterramentos-</u> No período considerado (25 anos) foram enterrados 723 pessoas, sendo que 402 foram mulheres e 321 foram homens.
Os anos de maior mortalidade foram os de 1911 e o de 1918, cada um deles com 47 enterramentos. Aquele em que ocorreram menos foi o de 1903 com 16 enterramentos.
O elevado número de mortes ocorrido em 1918 encontra explicação pela incidência da pneumónica ou «gripe espanhola» nesse ano em Portugal.
A taxa média de mortalidade foi, pois, de de 28,9% pessoas ao ano sendo que em termos percentuais 55,6% foram mulheres e 44,4% homens.

<u>Por Faxas Etárias</u>
Até 1 ano - 182
(excluídos os nado mortos e os falecidos no parto) a que correspondem mais de 25%, valores altíssimos se os considerarmos comparados com os de hoje em Portugal que se encontra nos lugares cimeiros de todo o mundo, à frente de países muito mais desenvolvidos tais como a França e os EUA.

Em 1910 morreram 15 crianças, ou seja, metade de todos os óbitos ocorridos. Se a isso somarmos mais três mortes ocorridas no parto, então a percentagem eleva-se a uns espantosos 60%.

1 aos 2 anos –	64	falecidos,	a que	correspondem	8,9%
2 a 6 anos -	57	falecidos	«	«	7,9%
7 a 9 -	8	»	«	«	1,1%
10 a 14 -	7	»	«	«	1,0 %
15 a 19 -	33	»	«	«	4,2%
20 a 29 -	49	»	«	«	6,7%
30 a 39 -	41	»	«	«	5,6%
40 a 49 -	30	»	«	«	4,1%
50 a 59 -	37	»	«	«	5,1%
60 a 69 -	65	»	«	«	9,0 %
70 a 79 -	81	»	«	«	11,2
80 a 89 -	25	»	«	«	3,5%
90 a 94 -	7	»	«	«	1,0%

Com 94 anos faleceu D. Leopoldina Cardoso, da Casa Nova, de Vilarinho, em 1925, viúva que estava de Luís Eloy Pinto Vieira de Figueiredo, falecido em 2.12.1908 com 74 anos.

A esperança média de vida à nascença-
Era em 1902 de 29,5 anos

Era em 1913 (data intermédia no período estudado) de uns incríveis 26 anos!

E era, em 1926, de uns espantosos 16 anos !

Claro que se retirarmos os falecidos com menos de 2 anos de idade em cada um desses anos, a esperança média de vida sobe para a casa dos 50 anos, mas mantem-se, mesmo assim, abaixo dos 30 no ano de 1926.

Os topónimos dos lugares de nascimento- São lugar de falecimento registados: Aldeia Nova (101) Vila Caiz, Vilarinho (139), Pena, Canto, Feitoria, Coura (73), Raposeira (17), Belmonte (53), Cruzeiro (50), Outeiro (27), Agueiro, Carvalhal, Poço de Linho, Barrocos, Boavista (12), Retorta (15), Amieiro, Senhora da Graça (38), Selala (15), Calvário, Sedão, Batalha (28), Mesuras (7), Francos (11), Carvalhal (55), Pinheiral (7), Carvalheira também designada por Carvalheira da Raposa (3), (Pedrinha, Lamajeita,

Lugar Novo, Antas (3), Residência, Vale de Carneiros, Margens, Fonte, Portela, Esperões, Sordo, Furnas, Quinta, Vinha (3), Cortinas, Giestosa, Agueiro (4),Crasto, Calvário (14), Cimo de Vila, Fundo de Aldeia, Sardoeira, Campas, Porqueira, Cumieira, Ametade e Lage.

Os números entre ( ) assinalam as mortes, nesse lugar, nos vinte e seis anos. Há uma evidente correlação, obviamente, entre o número de óbitos e os lugares mais populosos. Vilarinho e Aldeia Nova sobrelevam os demais. E estes, conjuntamente com os lugares de Coura, Carvalhal, Belmonte, Cruzeiro, Senhora da Graça e Batalha representam cerca de 3/5 de todos os óbitos.

Os topónimos da naturalidade: Do total dos falecidos (723), 145 não eram naturais de Vila Caiz (cerca de um quinto). Está por estudar a natureza desta mobilidade. Mas não andaremos longe se dissermos que uma parte significativa para aqui veio residir por razões de trabalho, o qual era prestado essencialmente na exploração agrícola das quintas, em regime de arrendamento rural. A segunda razão dever-se-á ao casamento.
Em qualquer dos casos a proximidade da terra de nascimento representa a esmagadora maioria dos casos:
Terras de naturalidade e número:
Toutosa (19), Pacinhos (15), SantaEulália (14), Santo Isidoro (14), Banho (8), Mancelos (8), Carvalhosa (6), Várzea (6), Sobretâmega (6) Fregim (5), Salvador (5), Porto (4), Real (4), Louredo (3), Martinho Recezinhos (3), Freixo (2), Telões (2), S. Veríssimo (2) , são os mais representativos.
Há também naturais do Marco, Oliveira, Lomba, Figueiró, Madalena, Lufrei, S. Simão, Macieira, Tabuado, Torno, Rio de Galinhas, Soalhães, Cepeda, S. Gonçalo, Castelões, Lousada, Boelhe, S. Cristovão de Além Douro e Valença.

Causas de Morte- Era uma das menções obrigatórias. Claro que, não sendo médico nem devendo ter especiais conhecimentos de medicina, eram muitos os casos que o Presidente de Junta de Paróquia não mencionava a causa de morte.Com efeito, do total de mortes em apenas 234 casos se diz de que faleceu a pessoa (32,4%). E mesmo nos casos em que se assinala, a menção peca muitas vezes por imprecisão ou falta de rigor; a morte por «senectude»,

«velhice», «falta da mãe», «com febre», «repentinamente», «caquético», não são verdadeiras causas de morte e constituem, antes, uma «causa próxima» meramente indiciadora da verdadeira *mortis causa.*

Como quer que seja, são preciosas e muitas vezes surpreendentes, à luz actual as 234 causas de morte indicadas:
- tuberculose :40 = 17%
- velhice : 35= 15%
-cardíacos, lesões cardíacas, «angina pectoris»: 33 = 14%
-nado morto/ao nascer/ nascer e/ou parto
:17= 7,2%

-gripe espanhola : 15 = 6,4%
-queimados : 7 =3,0%
-pneumonia : 8 =3,1%
- varíola : 5= 2%
-coqueluche : 5= 2%
-acidente : 4= 1,7%
-ataques : 4= 1,7%

Mas há também referência a 2 mortes por anemia; 2 por tifo; 2 por cansaço (de 73 e 74anos); 2 por febre; 2 por meningite; 2 por raquitismo, 2 por apoplexia; 2 por asma; 1 por síflis; 1 congestão;1 por bichas; 1 por cólica; 1 por parilisia, 1 por debilidade geral; 1 por fome; 1 hidropesia; 1 asfixia; 1 caquético; 1 icterícia; 1 tumor; 1falta de mãe; 1 parelisia; 1 siflis; 1 bichas; 1 afogado; 1 tétano.

De realçar o elevado número de pneumonias, ocorridas em todas as idades adultas, com especial incidência entre os 30 e 40 anos.
Os referenciados por velhice situam-se entre os 67 e os 94 anos.

- É de realçar o número de mortos pela gripe espanhola, também conhecida por influenza, pneumónica ou peste pneumónica que em Portugal causou cerca de 120.000 entre os quais
- Amadeo de Souza-Cardoso - pintor modernista
- Santa Rita-pintor(1889-1918)
- João Lúcio - Poeta e advogado (1880-1918)
- Pedro Blanco - Compositor Pianista (Leon 1883 - Porto 1919)
- António de Lima Fragoso - Compositor Pianista (1897-1918)
- Jacinta Marto - Vidente de Fátima (1910-1920)

- Francisco Marto - Vidente de Fátima (1908-1919).

Em Vila Caiz causou 15 mortos, 14 dos quais no mês de Outubro de 1918. Faleceu também no mês de Outubro, com menos de 30 anos o primo de Amadeu Sousa Cardoso, o Dr. Francisco José Lopes Ferreira Cardoso, da Casa da Pena, o qual não se encontrava em Vila Caiz à data da morte. Aliás, esta família foi, à semelhança de muitas outras, fustigada pela gripe espanhola(cfr. Dr. António José Queiroz in «As Elites Amarantinas…»)

Os meses de maior e menor mortalidade: O mês de Agosto constitui, com 96 mortes no cômputo geral, o mês de maior mortalidade (13,2%). Segue-se, em segundo lugar o mês de Outubro com 82 mortes (11,3%), para o que concorre o alto índice de mortes de Outubro de 1918 por causa da gripe espanhola. Seguem-se em terceiro e quarto lugar os meses de Setembro com 74 mortes(10, 2%) e de Julho com 71(9,8%).
Abril, Junho e Maio constituem os meses de mais baixa mortalidade com , respectivamente, 38 (5,2% ,42(5,8%) e 43 mortes(5,9%).

Quadro completo
Janeiro-60
Fevereiro-47
Março-61
Abril-38
Maio-43
Junho-42
Julho-71
Agosto-96
Setembro-74
Outubro-82
Novembro-53
Dezembro-56

Por profissões(ou impedimentos) e estatuto:
Os 334 casos de profissões registadas (46%) traçam um quadro eloquente do *modus-vivendi* na freguesia.
Proprietários: 86
Domésticas/emp. domésticas-59
Lavradores/agricultores-31

Fiadeiras-28
Mendigos-21
Jornaleiros-19
Entrevados-17
Criados/as de servir-15
Folhelheiras-12
Pedreiro-9
Reservatários-8
Cesteiros-5
Carpinteiros-4
Negociantes-4(sendo 1 de gado)
Tecedeiras- 2 (ambas de Vilarinho)
Padres-2
Alfaiates-2
Filhos-Família-2
Colmadores-2
Cego-1
Caçador-1
Bicheira-1
Fogueteiro-1
Vendeira-1
Padeiro-1
Cantoneiro-1
Escrevente-1
Marinheiro-1
Picheleiro(?)-1
Moleiro-1
Professora-1

Retira-se do exposto que a esmagadora maioria das profissões estavam ligadas à exploração agrícola das terras; mesmo os denominados ou autodenominados «proprietários», expressão ainda usada no último quartel do século XX, se reporta àquele que possui terras de cultivo e que por si próprio as cultiva ou dá em arrendamento. Bastava às vezes que possuissem umas leiras para assim se autodesignarem.

Era, também considerável o número de fiadeiras, profissão hoje inexistente.

Face à ausência de assistência social, era elevado o número dos que viviam da caridade alheia, calcurreando os caminhos das freguesias em busca de esmola: os pedintes.

O mesmo se diga relativamente aos entrevados –alguns ainda jovens- cujo registo se faz por contraponto à profissão que se não tem, justamente por impossibilidade física.
Curiosidades são os colmadores, hoje extintos por via da generalização das casas telhadas, em substituição das casas cobertas com colmo. O último exemplar destas casas desapareceu aí por volta de 1968.
Ma está por escrever a história dos cesteiros, das tecedeiras, dos alfaiates e das folhelheiras!
Os dois padres mencionados são da «Casa dos Matos»: O Padre António José de Mattos, falecido em 13 de Abril de 1906, com 76 anos, e o Padre Sebastião António de Mattos, falecido com 87 anos, em 24.12.1923, ambos em Coura e ambos filhos de Manuel José de Mattos e D. Rosa Thomazia.
A professora mencionada, D. Maria da Glória Mendes de Araújo, foi mãe de Fernando Marques de Araújo e Queiroz, falecida por complicações de parto, na Escola de Coura onde era professora, a 1 de Outubro de 1911, com 34 anos.
Estranha-se a actividade da caça como profissão. Melhor se compreende a profissional *«bicheira»* que se reporta, certamente, à mulher que recolhia e guardava as sanguessugas; àquele tempo, estas eram muito usadas nas sangrias de doentes. Por paradoxal que possa parecer são ainda muito usadas no Brasil e nos Estados Unidos.